



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ABERTURA DA REUNIÃO PLENÁRIA DA SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA

Salvador, BA
5 de março

A Sociedade Interamericana de Imprensa é uma instituição supranacional e supragovernamental, cuja atuação tem contribuído muito para a liberdade de imprensa nas Américas.

5 de março — Durante sua permanência na Bahia e em Petrolina, Pernambuco, o Presidente José Sarney é amplamente aprovado em seu primeiro contato direto com o público desde a decretação das medidas antinflacionárias. Em Salvador, os aplausos, faixas e coros de slogans começam no aeroporto e continuam principalmente na visita ao Hospital Santo Antonio, dirigido por Irmã Dulce. Em Petrolina, cinco mil pessoas o cercam na visita à Creche Dr. Cícero Luz. O Presidente promete que o Governo «vai fundo» no programa contra a inflação, porque o povo brasileiro quer.

Aqui estou para testemunhar meu apreço e respeito pelo trabalho da Sociedade Interamericana de Imprensa, consciência crítica da liberdade na América. Gostaria de fazê-lo expressando minhas convicções sobre a palavra — ofício efetivo de minha vida, mais que instrumento indispensável do cotidiano — e seu poder imperecível.

Quem lhes fala é, antes do Presidente da República, o jornalista que transpôs, conscientemente, como muitos

aqui, as fronteiras nem sempre definidas que separam a política da imprensa e a literatura da política.

A ausência de divisa delimitada é, aliás, um traço característico da vida intelectual dos países latinos. Na América Latina especialmente, o proselitismo militante da política muitas vezes se confundiu com o engajamento idealista do jornalismo, a estética literária com a ética política. O continente é um imenso painel em que a consciência crítica de cada sociedade e de cada época produz essas poderosas expressões da criação que, como Sarmiento, Rubem Darío, Jorge Luís Borges, Garcia Márquez, Vargas Llosa, Miguel Ángel Asturias, Pablo Neruda ou, no Brasil, Machado de Assis, Euclides da Cunha, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Jorge Amado, exerceram maior ou menor grau de influência, quer no jornalismo, quer na política de suas pátrias.

As condições de nosso desenvolvimento econômico e social ainda fazem dos livros e dos jornais, na maioria dos países do continente, bens culturais acessíveis apenas a parte de suas populações.

Por outro lado, os meios de comunicação de massa atingem, de maneira muitas vezes mais mitológica que racional, milhões de pessoas instantaneamente. Isto aumenta, em muito, as responsabilidades sociais dos homens de imprensa. Foi em parte esta consciência social que levou jornalistas e empresários, vítimas sempre de surtos endêmicos de autoritarismo, a se unirem na Sociedade Interamericana de Imprensa, com o propósito de se preservarem da repressão e do abuso, denunciando-os à opinião pública mundial, exemplo de pioneira e sadia mobilização, na preservação dos direitos humanos e no alargamento das liberdades políticas, econômicas e sociais.

Na verdade, a imprensa livre está intrinsecamente ligada à livre iniciativa, ambas a serviço do povo e do bem público, sendo a concorrência e a multiplicidade de oferta essenciais para a própria liberdade de imprensa.

A imprensa exerce um papel ao mesmo tempo moderador e incentivador dos anseios e expectativas que se antagonizam na política.

Força impulsionadora das mudanças, a sua poderosa capacidade de formar a opinião pública fortalece causas e valores, tendo que estar, pela própria natureza, na vanguarda dos anseios, na luta pela liberdade, na batalha pela transformação social.

Quando não desempenha esse papel, quando não exerce tais funções, quando não exprime os legítimos anseios e interesses da sociedade, ela sofre inevitavelmente a sanção da transitoriedade, cuja pena é, de forma invariável, o perecimento. O nosso continente, no entanto, está repleto de edificantes exemplos de como é longa e permanente a influência de valorosos jornais que, por sucessivas gerações, vêm cumprindo esse compromisso de sentido ético e moral.

No Brasil, onde temos órgãos de imprensa que são verdadeiras instituições, patrimônio da cultura nacional e expressão de nossa capacidade crítica, desde cedo aprendemos que a imprensa livre não é simples ornamento, mas, ao contrário, fundamento do regime pluralista e democrático, indissociável da história e do progresso do País.

A imprensa tem desempenhado no Brasil papel da maior importância para a vida independente, desde o nascimento da nacionalidade. Aliás, desde antes, pois a proibição de haver imprensa no Brasil, acabada com a vinda de D. João VI, traduzia a nítida consciência de que imprensa era sinônimo de independência. Em 1779, foram ventos trazidos por palavras escritas que passaram por Vila Rica, pelas Minas Gerais. E a efervescência intelectual que, no princípio do século XIX, canalizou as idéias literárias e o projeto de uma nação livre e independente, teve na imprensa o veículo principal de propagação. Os brasileiros devemos um grande tributo à figura ímpar do grande jornalista Hipólito José da Costa, que fez ecoar, de Londres, de 1808 a 1822, anseios da emancipação política da gente brasileira.

Uma história, enfim, em que têm militado grandes nomes do nosso patrimônio intelectual: Evaristo da Veiga, Frei Caneca, o próprio José de Alencar.

E nesta galeria dos homens da imprensa brasileira, Júlio de Mesquita Filho é um deles, que deu à Sociedade Inte-

americana de Imprensa tanto prestígio e foi um dos seus sustentáculos.

Imprensa, história e independência são assim partes indissolúveis, não de uma conquista fechada no tempo, mas de um processo de constante aperfeiçoamento. É com essa consciência histórica que trabalhamos hoje, Governo e sociedade, tão comprometidos com a defesa da liberdade, com a busca da identidade cultural do País, com o florescimento das ciências e das artes, com a luta pela liberdade e pela justiça.

As vicissitudes do jornalismo são também as vicissitudes do nosso povo. As suas vitórias têm sido, invariavelmente, as vitórias de nossas causas. Não foi sem um sólido fundamento que, desde nossa primeira Constituição, a liberdade de imprensa foi transcrita como garantia fundamental em nosso ordenamento jurídico. Todas as vezes em que esse direito periclitou, junto com ele sucumbiram, também, todas as demais formas de liberdade. Sob esse aspecto, a nossa tradição política e jurídica não discrepa da herança americana que alicerçou as liberdades fundamentais do homem no direito à livre manifestação do pensamento, respondendo cada um pelos abusos que cometer.

Direitos invioláveis, da liberdade de pensamento e de expressão derivam todas as outras liberdades e direitos.

Como disse Milton, a imprensa livre é o próprio oxigênio, sem o qual não vive a liberdade.

O melhor exemplo para ressaltar a adesão do jornalismo brasileiro às claras noções de sua responsabilidade civil, reside no amplo, profundo e significativo debate que enche hoje os tempos e os espaços de informação.

Como Presidente da República, tenho sentido o quanto é indispensável ao exercício das graves responsabilidades de governo a existência de uma imprensa que não abdica de seu democrático direito de crítica. Entendo, por isso, o quanto a Sociedade Interamericana de Imprensa, verdadeira instituição supranacional e supragovernamental, é essencial para a preservação desses valores, sem os quais a imprensa não vive o papel que exerce. Sei, sobretudo, que foi graças à sua exemplar atuação que se pôde instalar, nas

Américas, em meio às mais variadas formas de repressão de que costumam ser vítimas jornais e jornalistas, a chama da resistência democrática, sempre que a liberdade sucumbiu vítima do arbítrio, da violência, da intolerância e do autoritarismo. É em muito devido a suas denúncias que a opinião pública mundial tem tomado conhecimento do estado da liberdade em cada um dos países do continente.

Neste momento temos no Brasil uma demonstração da extraordinária força da imprensa, numa sociedade democrática. Nestes dias de mudanças profundas, tem sido ela mais do que uma tribuna e uma escola do povo. Notícia e esclarece, suscita dúvidas, esclarece equívocos, mobiliza o povo.

O Brasil vive hoje um momento de reencontro. O povo e suas instituições irmanadas num só objetivo. Com a reforma da economia, com o cruzado, passamos a ter mais do que uma moeda, a ter uma nova mentalidade. De trabalho, de vida nova, de caminhos diferentes. Um Brasil sério, em que o progresso começa no trabalho e o trabalho dentro de cada um de nós.

A SIP é testemunha deste momento da história do Brasil, e sabe que seus associados são instrumentos dinâmicos e indissociáveis dessas transformações.

Temos hoje uma grande imprensa. Livre, viva, dinâmica, moderna. Ela é um dos pilares de nossa democracia, porque aprendemos ao longo do século, e sabemos na carne, que sem imprensa livre não existe liberdade.

Nossa liberdade está na liberdade de nossa imprensa.